Casos & . Causos

Por Nestor Leme

Tempo de colecionar e de trocar figurinhas

Colecionadores se reúnem na Praça do Mercado Cultural para completar os álbuns da Copa do Mundo | *Nestor Leme*

É tempo de Copa do Mundo de Futebol e também é tempo de colecionar figurinhas dos jogadores que vão disputar a próxima Copa. Eu vou assistir à vigésima Copa. A primeira foi em 1950, da qual lembro vagamente. Foi disputada aqui no Brasil. Eu tinha oito anos, não entendia nada de futebol, mas me lembro das pessoas tristes depois que o Brasil foi derrotado pelo Uruguai, num Maracanã lotado de torcedores.

Da disputa lembro pouco, mas das figurinhas daquela Copa lembro muito bem, pois, naquele tempo, a molecada trocava figurinhas no recreio do Grupo Escolar, escondida dos inspetores de alunos, Seu Benedito e das Donas Nica e Ângela, que tomavam as figurinhas da garotada, pois era proibido trocá-las na escola.

Terminei os estudos e, no correr do tempo, vi dezenas de álbuns de figurinhas serem lançados, para o desespero dos pais, pois, em tempo de álbum de figurinhas, a molecada ficava importunando-os, pedindo dinheiro para comprar figurinhas.

As figurinhas preferidas eram as dos campeonatos de futebol, mas também foram lançados álbuns com figurinhas de flores, animais e aves, além de temas de filmes, como Marcelino Pão e Vinho, El Cid, e dos desenhos animados da Disney, Peter Pan e Alice no País das Maravilhas.

Mas teve um álbum de figurinhas que marcou Serra Negra. Chamava-se Balas Atlas do Brasil. As figurinhas vinham enroladas em balas, e nossa cidade estava representada em uma delas. A molecada nem chupava as balas; tirava as figurinhas e dispensava os doces. Fato que levou o pessoal da venda do Pulini, ponto onde elas eram vendidas, a colocar uma caixa para que fossem jogadas as balas descartadas.

Bem, lá vamos nós para a 23ª Copa do Mundo e, como sempre, a turma está entretida com as figurinhas dos jogadores que disputarão a Copa do Mundo de 2026, que, desta vez, terá jogos em três países: México, Estados Unidos e Canadá.

Voltando às figurinhas, numa manhã de domingo, eu estava sem nada para fazer e resolvi dar uma sapeada no ponto de troca de figurinhas montado na praça do Mercado Cultural. Chegando ao local, notei que, diferente do tempo em que eu era criança, quando era a molecada quem colecionava as ditas-cujas, na atualidade havia mais crescidinhos trocando figurinhas do que crianças.

E, no meio do agito, ouvi uma titia dizer que ninguém cola figurinhas repetidas no álbum. Ao ouvir aquela afirmação, voltei minhas lembranças para a Copa do Mundo de 1962, disputada no Chile, Copa em que, antes de seguir para a disputa, a Seleção Brasileira esteve em Serra Negra para os treinos preparatórios. Fato que despertou ainda mais o interesse em colecionarmos as figurinhas daquela Copa.

Bem, a senhora disse que ninguém cola figurinhas repetidas num álbum. Disse isso porque não conheceu o Horácio Batista, meu amigo de infância, que colou uma figurinha repetida no seu álbum da Copa de 62, numa história que foi assim:

Naquela Copa, quase todos os jogadores da Bulgária tinham um "ov" no final de seus nomes: Naidnov, Socolov, Kostov, Kitov e assim por diante. No álbum do Horácio faltava somente a figurinha do Kitov para completá-lo.

Aí apareceu o Belarmino, morador da Fazenda Pinton, que ofereceu 200 cruzeiros pelo álbum do Horácio. Mas só o compraria se estivesse completo. O negócio era bom, mas o Kitov era uma figurinha difícil de ser encontrada. Então, o Horácio pegou uma figurinha repetida do Kostov e, com a certeza de que o Belarmino não iria notar a troca, colou-a no álbum como se fosse a do Kitov.

E, de fato, ele não notou. Fechou o negócio e foi embora satisfeito com sua compra, tanto que nunca voltou para reclamar.

104,5 fm
SERRA NEGRA
Músicas
Notícias
Entretenimento
Sorteios
E muito mais!
Programação 104,5 mHz
8h - 12h - Bom dia, 104! (Ibraim Gustavo)
12h - 13h - Rádio Notícias (Angelito Neto)
13h - 16h - Super Tarde (Pedro Giovani)
16h - 19h - Ranchinho da Saudade (Pedro Giovani)
19h - 20h - A Voz do Brasil
20h - 0h - Noite na Serra
www.radioserranegra.com.br

MENEGATTI
Serralheria
Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
serralheriamenegatti@gmail.com
Fones.: (19)
3892-2147
3892-1291
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Crônicas do . Dia a Dia

Por Guida Gerosa

O frio

O frio é uma dessas visitas da natureza que chegam mudando o nosso dia a dia. Basta a temperatura cair alguns graus para que as pessoas alterem seus hábitos, suas roupas e até mesmo seu humor. Há quem espere ansiosamente sua chegada, e há quem conte os dias para que ele vá embora. Como quase tudo na vida, o frio tem seu lado bom e seu lado ruim.

Quando abril e maio vão chegando, o ar começa a esfriar e, quando chegamos a junho, pronto: as temperaturas caem. Os dias por aqui ficam lindos, com um céu azul de brigadeiro que, vez ou outra, é manchado pelas fuligens de incêndios que insistem em surgir nos matos. Algumas manhãs ficam cobertas por neblina; outras, cheias de sol.

Há muitos que gostam do frio e outros que preferem o calor. Acho que sou daquele meio-termo: frio, desde que haja um aquecimento para dormir; e calor também, desde que tenha um ar-condicionado para refrescar na hora de descansar. No frio, os mosquitos e pernilongos desaparecem, e podemos dormir sossegados, sem nenhum zumbido no ouvido. O friozinho convida ao aconchego e a noites cheias de cobertas. Esse período também é marcado pelas Festas Juninas, quando quase todo fim de semana tem uma quadrilha animando a comunidade.

Dizem que, no frio, as pessoas se encontram muito mais. Eu acho que apenas mudam os motivos dos encontros. No inverno, eles costumam ser acompanhados de queijo, vinho ou chocolate quente; já no verão, de cerveja gelada e sucos refrescantes. Mas o frio também traz sofrimento. Os idosos costumam sentir mais os efeitos das baixas temperaturas, e aumentam os problemas de saúde, como os infartos. As pessoas em situação de rua enfrentam dificuldades ainda maiores, muitas vezes correndo o risco de hipotermia. E existem também aqueles pequenos sofrimentos do cotidiano, como a coragem necessária para tirar a roupa e entrar no banho. Talvez o maior ensinamento do frio seja justamente o equilíbrio. Ele nos faz valorizar o calor, assim como a noite nos faz apreciar o dia. As estações existem para lembrar que tudo passa e que cada período traz suas próprias belezas e dificuldades.

No final das contas, o frio pode até gelar as mãos, mas também aquece os corações. Não é por acaso que o Dia dos Namorados acontece em uma época tão fria: parece que a própria natureza dá uma ajudinha para aproximar as pessoas. E, entre um cobertor, um café quente e um abraço apertado, acabamos descobrindo que o frio tem um jeito muito especial de esquentar a vida.

Cultura . e Vida

Por Henrique Vieira Filho

Notas musicais que derretem muralhas

Muros Emocionais | *Ilustração: Henrique Vieira Filho*

Se a música é o cenário invisível de uma obra de arte, há certas composições que funcionam como verdadeiras sessões de psicanálise em alto-bom-som! Na minha caminhada como psicoterapeuta e artista plástico, sempre defendi que certas produções artísticas equivalem à soma de muitas aulas teóricas de Freud ou Jung. É exatamente o caso da obra-prima The Wall, de Roger Waters e Pink Floyd.

A genialidade de Waters foi traduzir em acordes e metáforas visuais o exato momento em que uma pessoa decide "emparedar" seus traumas. Construímos, tijolo por tijolo, uma verdadeira muralha emocional para nos isolar e proteger de sentimentos, impulsos e recordações dolorosas. O problema é que o mesmo muro que protege, também isola.

Essa ambivalência psicológica me fascinou tanto que deu origem ao Projeto Re-Arte ("avô" paulistano de nosso Museu ReArte serrano), transpondo esse universo conceitual para as telas na série de pinturas "Muros Emocionais". Uma das obras de maior destaque dessa coleção, a tela Rio Wall, mostra o próprio Roger Waters grafitando no Rio de Janeiro, sob a cumplicidade simbólica de Salvador Dalí acobertando a cena. Essa pintura, inclusive, ganhou o mundo no circuito da turnê europeia de 2018, passando por galerias de Roma e Viena, além de vertentes que circularam por Turim, Paris e Nova York, antes de descansarem no acervo aqui de Serra Negra (venham ver de perto!). Em outra tela da série, Hammer March, brinco com a dualidade do martelo: a ferramenta que tem a força tanto para construir barreiras intransponíveis quanto para destruí-las por completo.

Trazer essas obras de volta ao centro das atenções neste mês no Museu ReArte é a nossa forma de estender o tapete vermelho para a nossa oficina gratuita de produção de trilhas sonoras para audiovisual, que acontece no dia 12 de junho. Afinal, criar uma trilha sonora é, justamente, aprender a pintar com os sons, escolhendo as notas exatas que vão derrubar os muros invisíveis entre a tela e a emoção de quem assiste.

Fica o convite, sutil como um solo de guitarra: venha entender como a música e as artes visuais podem nos libertar de nossos próprios muros em uma explosão de cores prismáticas. As vagas para a oficina são limitadas, então garanta seu lugar pelo nosso WhatsApp: (11) 9.82946468, e venha derrubar essas paredes conosco!